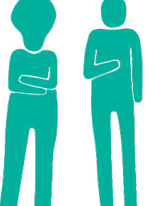


DIAGNÓSTICO

LGBT+ NA PANDEMIA

2021

Desafios da comunidade LGBT+ no contexto de continuidade do isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus.

 #VOTEELGBT

Colaboração:



REALIZAÇÃO



#VoteLGBT é um coletivo que desde 2014 busca aumentar a representatividade de LGBTQs+ em todos os espaços, principalmente na política. Entendemos que a diversidade é um valor fundamental para a democracia. Por isso, também enxergamos a representatividade de forma interseccional às pautas de gênero e racial.

<https://votelgbt.org/>



Box1824 é uma Consultoria Estratégica baseada em estudos de comportamento e desenhos de cenários de futuro. Há 15 anos, estudamos mudanças e as suas consequências na sociedade. Conectamos marcas e pessoas ao futuro. Nossas pesquisas mapeiam como as ideias se movem pela cultura. Nossa abordagem rastreia como novos movimentos culturais são criados, disseminados e consumidos, desde inovadores e influenciadores até o mercado em geral.

<https://box1824.com/>

COLABORADORES



A All Out é um movimento global em defesa dos direitos LGBTQ+. Lutamos por um mundo onde ninguém tenha que sacrificar sua família ou liberdade, segurança ou dignidade, por ser quem ou amar quem ama. Para isso, usamos táticas criativas, tanto online quanto offline, para mobilizar milhares de pessoas e alcançar mudanças positivas e avanços para os direitos LGBTQ+ no mundo todo.

www.allout.org.br



Um grupo de criativos e comunicadores que trabalha para colocar ideias em movimento. A Berro dirige todo o trabalho unindo design, som e movimento. Tem o maior cuidado para entregar o discurso/storytelling do vídeo de acordo com o branding de cada cliente. O resultado é uma peça de comunicação com a cara da empresa/serviço.



A Casa 1 é uma organização localizada na região central da cidade de São Paulo e financiada coletivamente pela sociedade civil. O trabalho engloba três frentes de atuação: a república de acolhida para pessoas LGBTQ (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros), expulsas de casa por suas orientações afetivas sexuais e identidades de gênero; o Galpão Casa 1, centro cultural que conta com atividades culturais e educativas, totalmente gratuitas. Já o terceiro eixo é a Clínica Social Casa 1, que conta com atendimentos psicoterápicos, atendimentos médicos pontuais e terapias complementares, sempre com perspectivas humanizadas e com foco na promoção da saúde mental, em especial da comunidade LGBTQ.

Você sentiu algum impacto na pandemia de Covid-19 que tem relação com o fato de você ser LGBTQ+?

“
Meu trabalho migrou para o online e aí todo mundo continuou trabalhando da equipe. E depois demitiram todo mundo, de um time de 60 pessoas ficaram 10, sabe?”

HOMEM CIS **NEGRO** GAY **CLASSE C**

“
“As mulheres trans, em sua maioria, trabalham em atividades informais, muitas perderam os seus empregos. Uma das queixas que tenho visto é que não estão conseguindo nem pagar as contas. Não tem água, não tem luz dentro da própria casa.”

MULHER TRANS **BRANCA** LÉSBICA **CLASSE B**

“
“Foi bem complicado principalmente em assuntos de saúde mental porque eu tenho transtorno de ansiedade e a minha ansiedade ficou assim: abalada.”

HOMEM CIS **NEGRO** BI **CLASSE B**

“
“É difícil viver isolada, presa, muito difícil. Eu sou uma pessoa que adora sair, me arrumo até para ir na padaria.”

MULHER TRANS **NEGRA** HÉTERO **CLASSE C**

“Eu acho que 2021 está pior do que 2020 porque já existe vacina. Isso pra mim é uma coisa muito clara, a gente já tem a vacina e ainda tem pessoas morrendo e elas poderiam estar vacinadas?.”

HOMEM CIS **NEGRO** GAY **CLASSE B**

“
“O rolê pega muito mais pesado para a gente, sabe? A nossa forma de resistir é nos manter vivos, então que a gente permaneça vivo!”

MULHER CIS **BRANCA** LÉSBICA **CLASSE B**

Índice

1 Contexto Brasil e Metodologia

1.1 Contexto Brasil

1.2 Introdução Metodológica

2 Impactos da pandemia

2.1 Agravamento da Vulnerabilidade Financeira

2.2 Piora da Saúde Mental e Afastamento da rede de apoio

2.3 Insatisfação acentuada com o governo

3 Conclusão

3.1 Ainda estamos no mesmo barco?

3.2 Índice de Vulnerabilidade à Covid-19

3.3 Índice de Insegurança Alimentar

1.1 Contexto Brasil

Chegamos em 2021...

Ainda é relevante falar de LGBTQ+ na pandemia?

Vivemos um momento sem precedentes na história mundial. No dia em que este relatório vai ao ar, o Dia Internacional do Orgulho LGBTQ+, estaremos vivendo no Brasil 488 dias de pandemia. Nosso país acaba de passar da marca de **500 mil mortes**, registrando **mais de 2 mil mortes por dia** e diversos estados em alta, o maior volume desde Abril de 2020.

Os efeitos desse cenário, obviamente, **vão muito além dos números**. Nos mais diversos meios de comunicação, nas redes sociais, nos nossos círculos mais próximos e mais distantes de relacionamento, no nosso dia a dia, podemos sentir as consequências, sejam elas econômicas, físicas ou emocionais. É claro que, vivendo num país de dimensões continentais e com tanta diversidade em termos de marcadores sociais (classe, raça, gênero, orientação sexual, território), essas consequências são **vividas também de modo muito diverso**.

Há exatamente um ano, a **#VoteLGBT+** lançou uma pesquisa quantitativa e nacional, inédita e de extrema relevância, que foi posteriormente somada a um estudo qualitativo da **Box1824**, para entender exatamente como essa lógica opera quando se trata de pessoas LGBTQ+, um grupo também tão diverso quanto a própria sigla anuncia.

Seguimos sem números exatos no que diz respeito ao tamanho dessa população no Brasil hoje, mas esforços como esse, isto é, a atualização desta pesquisa sobre a situação das pessoas LGBTQ+ na pandemia em 2021, com o reforço da **All Out** e da **Casa 1**, visam justamente incentivar o aumento da visibilidade dessas pessoas, que existem em grandes números e estão lutando pela sua sobrevivência e pelos seus direitos.

O próprio agrupamento de identidades e vivências tão distintas nos mostra como muitas vezes é necessária **a união de forças de grupos diversos entre si**, no combate a preconceitos, estigmas sociais e inúmeros tipos de vulnerabilidades sociais.

Os dados e histórias que vamos ver a seguir também não são só números ou falas sem rosto, mas sim expressões de uma população que precisa de ajuda na garantia de seus direitos, e esta ajuda pode e deve emergir da união de todos nós.



1.2 Contexto Metodológico

Uma característica extremamente relevante do ponto de vista metodológico desta pesquisa é o fato de que ela observa o mesmo grupo com composições, período e meio similares, o que nos permite fazer uma comparação válida entre a situação das pessoas LGBTQ+ de 2020 e 2021.

Por outro lado, uma vez que seguimos com restrições relativas à condução física da pesquisa por conta da pandemia, o questionário foi conduzido pelo segundo ano consecutivo de forma digital. Com isso, obtivemos novamente um recorte das letras da sigla, raças e geografia que **representa pessoas mais escolarizadas, com renda mais elevada e moradoras de centros urbanos**, recorte típico de uma pesquisa digital.

Isso traduz a inclusão e a exclusão de determinadas identidades quando se trata de acesso à internet. Vale ressaltar que este ano tivemos discreta ampliação do **alcance na região Norte** do país (+2%) e **entre pessoas não binárias** (+2%).

Segundo o IBGE, aproximadamente 20% da população brasileira não possui acesso à internet. São pessoas mais vulneráveis e mais difíceis de se ter acesso. Assim, é muito importante ampliar a inclusão digital da população em uma perspectiva qualitativa e regional, pensando marcadores sociais como classe, cor, gênero e identidade, uma vez que, mais que um recurso, hoje a internet é uma ferramenta que amplia o acesso a direitos e permite maior visibilidade.

Período e Amostra

A pesquisa foi realizada entre **28 de abril e 24 de maio de 2021** e contou com **7.709** observações nas 5 regiões brasileiras. Foram utilizadas para a produção do relatório 7.292 respostas.

Número Bruto de respostas recebidas: 7.709

Número de respostas utilizadas para a produção do relatório: 7.292

Do número total das observações foram deduzidas respostas de pessoas cis-heterossexuais, respostas repetidas, menores de 15 anos ou com algumas inconsistências em relação às variáveis sociodemográficas, deixando exclusivamente pessoas LGBTQ+ com potencial total de análise.

Perfil Geográfico

Norte	4,40%
Nordeste	16,96%
Sudeste	59,17%
Sul	12,75%
Centro-Oeste	6,71%

Perfil étnico racial

Branca	61,46%
Preta	12,69%
Parda	23,56%
Amarela	1,78%
Indígena	0,51%

Perfil Etário

14 a 24 anos	38,51%
25 a 34 anos	35,66%
35 a 44 anos	15,10%
45 a 54 anos	6,24%
55+	4,5%

Perfil de sexualidade e gênero

Orientação Sexual	Identidade de Gênero	
Lésbica	Mulher Cis	39,84%
	Mulher Trans/Travesti	2,13%
Gay	Homem Cis	48,60%
	Homem Trans	2,06%
Bi/Pan	Não-binária	7,38%
Hétero	Bi /Pan Desagregado	
	Homem	20,75%
Assexual	Mulher	67,30%
NS	Não-binária	11,95%

Infelizmente, mesmo sem atingir a totalidade da população brasileira LGBTQ+, o resultado da crise do Coronavírus sobre esta população já se mostra muito negativo. Desta forma podemos imaginar que para aqueles ainda não bem representados nesta amostra, a situação pode ser ainda pior. Agir em relação a essas vulnerabilidades é urgente.

2. Impactos da pandemia em 2021

Visão Geral

O resultado do estudo de **2020** trouxe 3 principais impactos que atingiram a comunidade LGBTQ+ durante os primeiros meses de pandemia. São eles: **a piora da saúde mental, o afastamento da rede de apoio e a falta de fonte de renda.**

Com o prolongamento da crise da COVID-19 para 2021, pudemos acompanhar um forte **agravamento da situação financeira** das pessoas LGBTQ+, que se desdobra em algumas consequências diretas, como **insegurança alimentar** e pobreza menstrual.

Em situações de um **maior afastamento das redes de apoio**, isso implica também na **piora da saúde mental** e consequente ampliação da **insatisfação em relação aos governos**, tanto federal quanto estaduais, por falta de políticas públicas e apoio às demandas da comunidade.



“

“Começou a pintar muita gente pedindo ajuda, pedindo dinheiro mesmo, pedindo comida, pedindo auxílio de determinadas coisas. Esse ano já perdi as contas de quantas pessoas eu ajudei.”

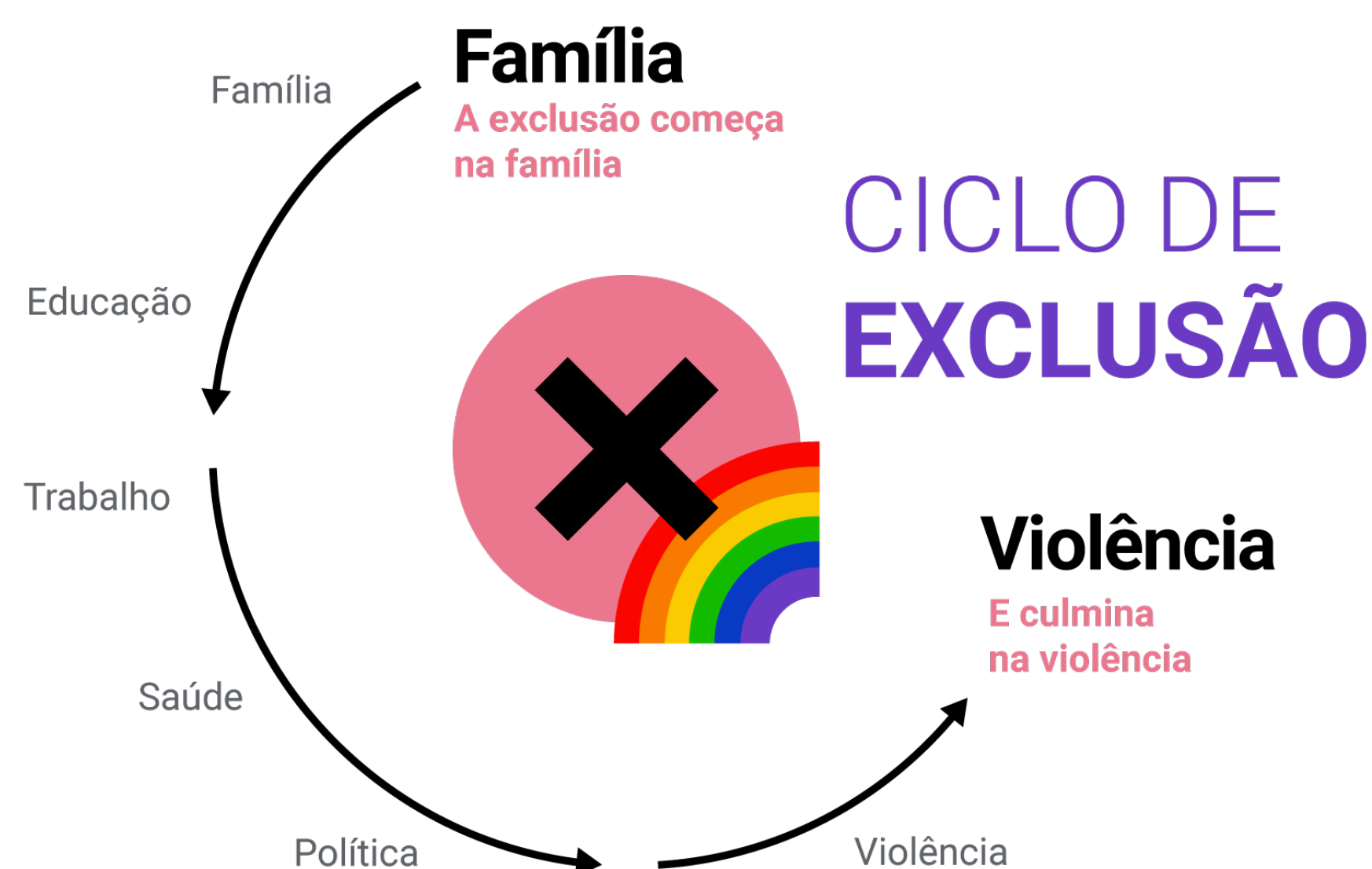
HOMEM CIS NEGRO GAY CLASSE C

”

Como podemos ver, todas as consequências negativas da pandemia para a população LGBTQ+ estão intimamente conectadas, como parte de um ciclo de exclusão. Da mesma forma, as possíveis saídas para estes problemas não devem ser consideradas apenas pontualmente, mas de forma articulada, pensando em resolver problemas estruturais a longo prazo.

Um bom começo seria pelo acesso à renda e se desdobrando em educação, saúde, representatividade política e na possibilidade de constituir redes de afetividade e apoio.

O Estudo realizado para o Google em 2019 mostra detalhadamente como se dão os ciclos de Exclusão e Inclusão desta população na sociedade:

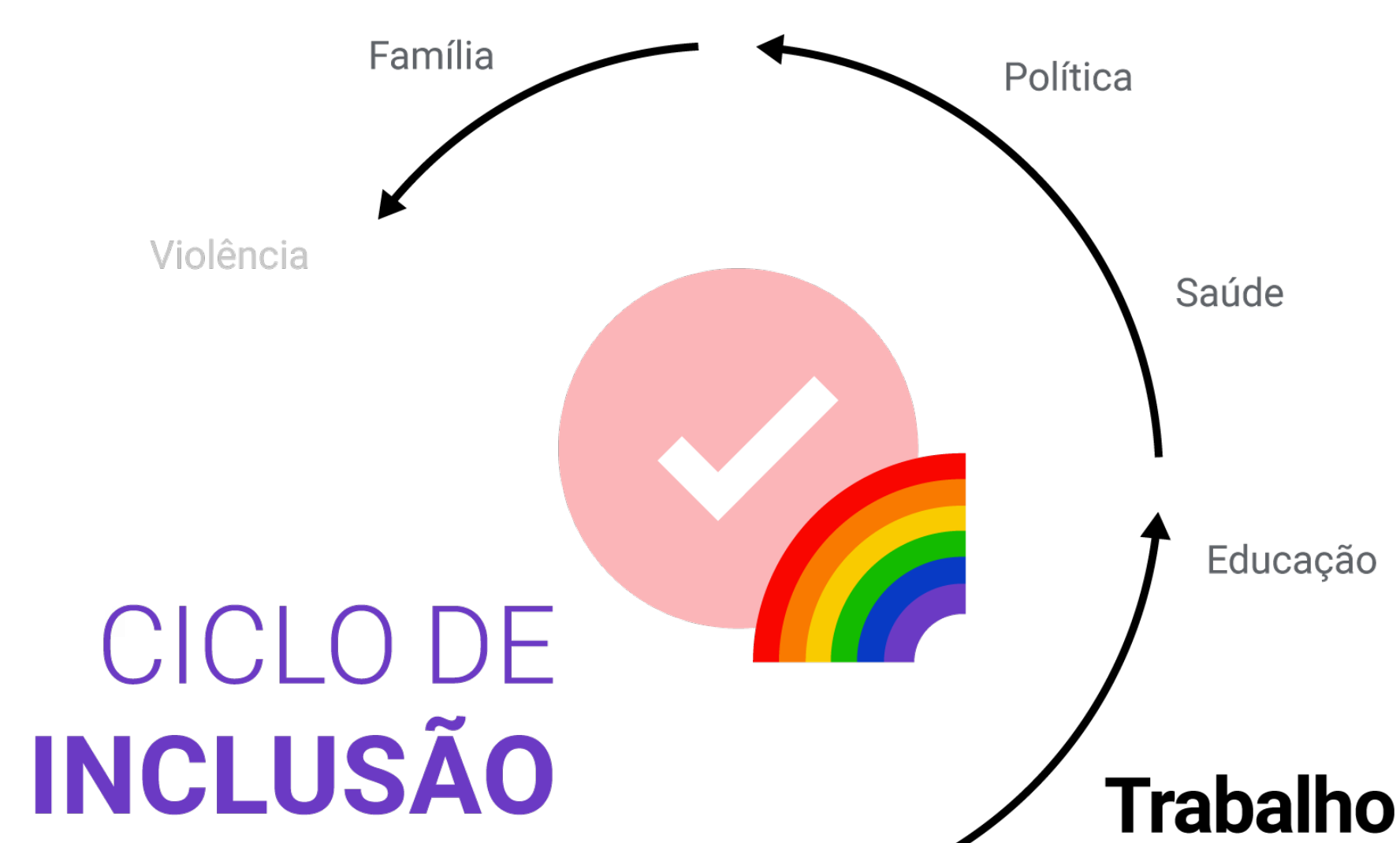


“

“Nas diferentes trajetórias LGBTQIA+, esse Ciclo de Exclusão, na maioria dos casos, começa na família e culmina em violência. Casos de exclusão no próprio núcleo familiar são mais comuns do que imaginamos, afetando diretamente a assiduidade escolar, por exemplo. (...)”

Por consequência, a falta de inclusão e acolhimento já nesses primeiros anos de vida se reflete no acesso à educação e, como um efeito dominó, limita as chances de inserção no mercado de trabalho. Somado a isso, há também a falta de representatividade política, ou seja, direitos básicos que não são pautados e discutidos na esfera pública, gerando mais vulnerabilidade e violência.”

”



“

“Quando começa no trabalho, a inclusão tem potencial de quebrar as cadeias destrutivas. Ter poder aquisitivo permite estudar mais, abre oportunidades de crescimento profissional e pessoal. Em seguida, vêm o acesso a serviços de saúde e a ocupação de espaços políticos em busca de direitos. Por fim, já com uma vida mais estruturada, a pessoa LGBTQIA+ pode se sentir mais protegida das diferentes formas de violência.”

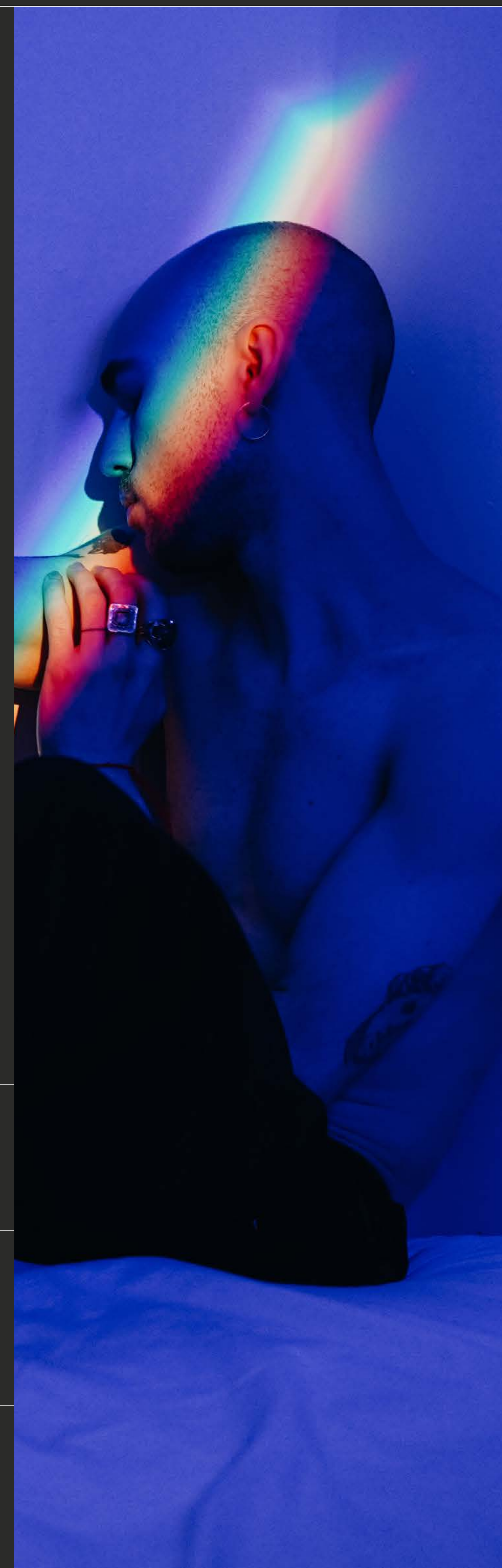
”

Os 3 maiores impactos da pandemia na população LGBTQ+ em 2021 foram:


2.1 Agravamento da Vulnerabilidade Financeira

2.2 Piora da Saúde Mental e Afastamento da rede de apoio

2.3 Insatisfação acentuada com o governo



2.1 Agravamento da Vulnerabilidade Financeira



Simone*, 23 anos, mulher lésbica, jamais tinha ficado desempregada.

Mãe solo de uma criança pequena, aprendeu desde muito cedo a responsabilidade de sustentar uma família. Com as dificuldades impostas pela pandemia em encontrar um emprego, aceitou uma oportunidade na cidade vizinha, o que logo se mostrou frustrante. Assim que Simone comentou sobre sua orientação sexual no trabalho, começaram as agressões: “Ok, você é lésbica mas você vai se vestir como homem e a gente não te contratou assim. Se a gente tivesse percebido, a gente não teria te contratado.” Depois de 3 meses, não aguentando a pressão pelo questionamento de sua identidade, Simone largou esse emprego e conseguiu um novo em sua cidade. Mas os questionamentos continuam e ela sabe que conta apenas consigo mesma para “educar” os colegas de trabalho.

**Os nomes dos entrevistados foram trocados para preservação das identidades.*

Problemas estruturais profundos dificultam a existência de uma pessoa LGBTQ+ no ambiente de trabalho.

Esta população, por diversas vezes é preterida por fugir da normatividade e por outras questões sistêmicas, como falta de acesso à educação de qualidade e a rede de contatos para empregos formais e mais bem remunerados. Da mesma forma, estar o tempo todo sob a ameaça de sofrer preconceitos traz uma carga exaustiva para tais profissionais.

“Eu cheguei em um esgotamento muito grande e esse esgotamento vem de muita coisa. Acho que a questão de ser uma pessoa negra, gay, uma bicha afeminada no espaço em que eu trabalho afeta tudo.”

HOMEM CIS NEGRO GAY CLASSE C



O que mudou em 2021?

Atualmente, com o prolongamento do isolamento imposto pela COVID-19 e consequentes impactos na economia, esta situação se torna ainda pior:

6 em cada 10 pessoas LGBTQ+ tiveram diminuição ou ficaram sem renda por causa da Pandemia de Covid-19

“A gente precisa estudar e ter o próprio sustento, entendeu? Porque uma coisa é fato, para família e sociedade, você ter o seu dinheiro a galera vai pegar mais leve, respeitam mais.”

MULHER CIS **NEGRA** LÉSBICA CLASSE C

6 em cada 10 dos desempregados LGBTQ+ (59,47%) já estão sem trabalho há 1 ano ou mais

Essa parcela quase dobrou em relação à pesquisa realizada em 2020 (31,65%) e é maior do que a porcentagem nesta situação no país.

Segundo os dados da PNAD Continua, no Brasil essa proporção no primeiro trimestre de 2021 era de 41%.

“Por causa desse tanto de tempo que eu fiquei desempregado eu tenho muitas dívidas acumuladas, cartão de crédito, essa coisa doida.”

HOMEM CIS **NEGRO** GAY CLASSE B

Mesmo entre as pessoas LGBTQ+ que estão atualmente com alguma fonte de renda, a situação de precariedade pode ser sentida também pela falta de estabilidade financeira e capacidade de manter uma reserva financeira, além do aumento do endividamento.

4 em cada 10 pessoas LGBTQ+ (41,55%) e 6 em cada 10 pessoas trans (58,48%) não conseguiriam sobreviver sem renda por mais de 1 mês caso percam sua fonte de renda no dia da resposta à pesquisa.

Quando comparamos essa situação com a pesquisa realizada em 2020, não houve diferença significativa para as pessoas LGBTQ+ em geral (40%).

Entre pessoas trans, no entanto, houve um aumento de

5%

Isto ressalta como diferentes marcadores dentro da população LGBTQ+ trazem vivências diferentes de cada uma das vulnerabilidades.

“Você não é bem vinda na rede pública, você não é bem vinda na rede de ensino e você não é bem vinda também no trabalho formal.”

MULHER TRANS **NEGRA** HÉTERO CLASSE C

Pessoas negras, mulheres, pessoas trans e de classe baixa sofrem mais em todas as esferas, começando pelo acesso ao trabalho.

O que mudou em 2021?

17,5% é a taxa de desemprego geral observada*

“Por conta da pandemia, uma coisa que eu estava evitando era ter que procurar trabalho na rua, shopping, alguma coisa assim. Mas vai ter que ser uma opção porque não tem como eu continuar dependendo dos meus pais.”

MULHER CIS BRANCA BI CLASSE C

“Ela disse assim na minha cara, olhando para mim (no ambiente de trabalho) “Olha, pode dizer o que for mas não é natural, entendeu? Não é natural, mulher não nasceu para ser homem e pronto”

MULHER CIS NEGRA LÉSBICA CLASSE C



Segundo o IBGE, no Brasil foi registrada uma taxa geral de desemprego de 14,7% no primeiro trimestre de 2021

Especialmente as pessoas LGBTQ+ mais jovens estão mais vulneráveis aos choques da economia, uma vez que estão empregadas, em sua maioria, em trabalhos informais, que foram os mais afetados com as medidas de isolamento social.

Ainda falando de informalidade, é fato que muitas pessoas LGBTQ+, por não serem aceitas em outras ocupações, acabam focando em atividades relacionadas ao mercado cultural, entretenimento, estética e beleza que, embora estejam voltando aos poucos, ainda estão muito prejudicadas.

“Profissionais como maquiadores, Drag Queens, performistas, DJs, garçonetes, hosts e etc, são uma série de pessoas que perderam seus trabalhos, muitos têm família, outros não, mas ajudar essas pessoas tornou-se uma tarefa, uma atividade muito difícil, muito delicada.”

MULHER TRANS NEGRA HÉTERO CLASSE C

“Eu trabalho no mercado do entretenimento, que parou inteiro, ainda estamos parados e a gente ainda não tem nenhum tipo de perspectiva disso.”

HOMEM CIS NEGRO GAY CLASSE B

No caso das pessoas trans, a falta de acesso a oportunidades é ainda mais profunda. Ter o trabalho sexual como única alternativa é uma realidade para muitas delas.

“Tem meninas que têm 18, 20 anos que precisam sair das casas dos seus pais, mudar de cidade e morar na casa de uma cafetina. Elas ainda acreditam que essa é a única esperança, a única expectativa de trabalhos para elas.”

MULHER TRANS NEGRA HÉTERO CLASSE C

*A taxa de desemprego foi padronizada pela composição de escolaridade dos participantes da Parada SP de 2019.

Como indicado pelo IBGE, consideramos desempregadas todas as pessoas com idade para trabalhar (14 anos ou mais) que não estão trabalhando em empregos formais ou informais, mas estão disponíveis e tentam encontrar trabalho.

Consequências da falta de renda

Para pessoas que continuam tendo que lidar em 2021 com a suspensão temporária de suas atividades profissionais, desemprego e perda de renda, o impacto na sua capacidade de sobrevivência e bem-estar é direto e tem várias facetas.

INSEGURANÇA ALIMENTAR

Segurança alimentar e nutricional é a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais.

4 em cada 10 pessoas LGBTQ+ (41,53%) vivem em domicílios com insegurança alimentar.

Quando falamos em pessoas trans, esse número sobe para mais da metade delas (56,82%).

“Se não fossem os meus amigos e parte da minha família com doação, cesta básica e tudo, eu não estaria aqui. Assim, eu tive um princípio de depressão no ano passado por causa disso porque eu nunca passei por isso na minha vida.”

HOMEM CIS NEGRO GAY CLASSE B

POBREZA MENSTRUAL

Outra dimensão que apareceu nos questionários foi a da pobreza menstrual, caracterizada pela dificuldade ou ausência de acesso a produtos de higiene e outros recursos necessários ao período.

1 em cada 10 pessoas que menstruam apontaram que é comum faltar ou que é preciso deixar de comprar outros itens para comprar absorventes.

Dados gerados sobre este problema costumam fazer recortes que levam em conta apenas grupos jovens, entre 15 e 17 anos. Segundo levantamento da Girl Up no estudo “Livre para menstruar”, 26% das meninas brasileiras nesta faixa etária não têm dinheiro para comprar absorvente.

DEPENDÊNCIA FINANCEIRA

“Ter independência financeira me ajudou, foi a partir daí que parou um pouco aquelas conversas: ‘Ah, você vai se vestir como um homem agora?’. Eu posso responder: ‘Você não paga as minhas contas mais, estou na minha casa’. Então foi uma forma de me impor.”

MULHER CIS BRANCA LÉSBICA CLASSE B

É importante ressaltar que a capacidade de se auto sustentar é determinante na possibilidade de viver e comunicar plenamente a sexualidade e as expressões de gênero.

Um dado que reforça esta constatação é o fato de que pessoas LGBTQ+ que participam financeiramente em casa têm menor índice de depressão:

Entre LGBTQ+ cis, a prevalência de depressão é de 51% entre os que ajudam nas despesas do lar e de 56% entre os que não ajudam. Entre LGBTQ+ trans, a prevalência de depressão é de 61% entre os que ajudam nas despesas do lar e 69,5% entre os que não ajudam.

“

“Temos gerações de pessoas LGBTQ cujo estilo de transformações corporais foi mudando, porque também foi mudando o modo de inserção na vida social. Isso faz com que algumas pessoas de determinada geração e classe estejam em condição de menor aceitabilidade pelo mercado de trabalho, porque tem uma identificação dessas mudanças com o estigma do trabalho sexual, geralmente visto de forma muito negativa.”

REGINA FACCHINI, ANTROPÓLOGA

”

É necessária uma mobilização coletiva para mudar cenários tão excludentes. **Como uma pessoa pode ajudar?**

1) PRIVILEGIE FORNECEDORES LGBT+

Quando for contratar alguém para qualquer serviço, dê preferência para profissionais LGBT+. De faxina a contabilidade, de estética a fotografia, existem muitas LGBT+ super capacitadas para o que você precisa. Ajude o dinheiro a circular pela comunidade.

2) COMECE PEQUENO

Pequenas iniciativas podem gerar grandes transformações, por isso, nunca pense que seu esforço é pequeno ou que não tem importância. A mobilização de todos ajuda a mudar realidades e acelerar processos emergenciais.

3) SEJA ALIADO

Seu amigão LGBT+ tá no corre? As dificuldades em torno da vulnerabilidade econômica se dão principalmente pela falta de oportunidades. Mostre-se disponível, pressione empresas e projetos de lei que auxiliem a reverter essa situação.



Algumas iniciativas para fortalecer

Transempregos

A TransEmpregos é o maior e mais antigo projeto de empregabilidade de pessoas Trans do Brasil. A iniciativa também fornece cursos de formação e atividades.

Todxs Brasil

A Todxs é uma organização sem fins lucrativos que promove a inclusão de pessoas LGBTQIA+ na sociedade com iniciativas de formação de lideranças, pesquisa, conscientização e segurança.

Capacitrans

Capacitação profissionalizante e empreendedorismo para pessoas Trans/Travestis (e LGBIs) do RJ, com foco em combater estigmas e discriminações.

TransVest

Idealizado pela vereadora Duda Salabert (PDT/MG), é uma organização independente sem fins lucrativos que promove um curso popular para travestis e transexuais em Belo Horizonte.

É necessária uma mobilização coletiva para mudar cenários tão excludentes. **Como uma pessoa pode ajudar?**

4) DOE ALIMENTOS

Não espere por campanhas contra a fome para agir, as pessoas sentem fome todos os dias. Procure por iniciativas que façam o trabalho de forma recorrente, doe para instituições menores, locais e fique atento a possíveis situações de insegurança alimentar ao seu redor.

5) CONHEÇA AS LUTAS SOBRE ALIMENTAÇÃO

Dificuldade alimentar é uma realidade mais próxima do que imaginamos. Entenda e apoie projetos, formulações de políticas públicas e fortaleça cozinhas comunitárias e modos de produção conscientes.

6) PESQUISE E EDUQUE SOBRE A POBREZA MENSTRUAL

É importante discutirmos e tornar essa situação mais visível para que possamos gerar transformações reais e mudar este cenário. Divulgue as organizações que trabalham pela causa e ajude financeiramente.



Insegurança Alimentar Algumas iniciativas para fortalecer

Aliança pela Alimentação Adequada e Saudável | Uma coalizão que reúne organizações, coletivos, movimentos sociais e pessoas físicas que defendem o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA).

Fórum Brasileiro de Soberania, Segurança Alimentar e Nutricional | Organização que articula pessoas, organizações, redes, movimentos sociais e instituições de pesquisa na luta pelo Direito Humano à Alimentação.

Pobreza menstrual Algumas iniciativas para fortalecer

Projeto TPM | O projeto leva dignidade, educação, carinho e saúde para quem menstrua e encontra-se em situação de vulnerabilidade.

Coletivo Fluxo Solidário | Coletivo que trabalha contra a precariedade menstrual e a desigualdade de gênero. Realizam distribuição de absorventes para pessoas em situação de vulnerabilidade.

Girl Up / Livre para Menstruar | Um movimento puxado por meninas de clubes Girl Up para acabar com a pobreza menstrual no Brasil.

É necessária uma mobilização coletiva para mudar cenários tão excludentes. **Como uma empresa pode ajudar?**

1) SELEÇÃO INCLUSIVA

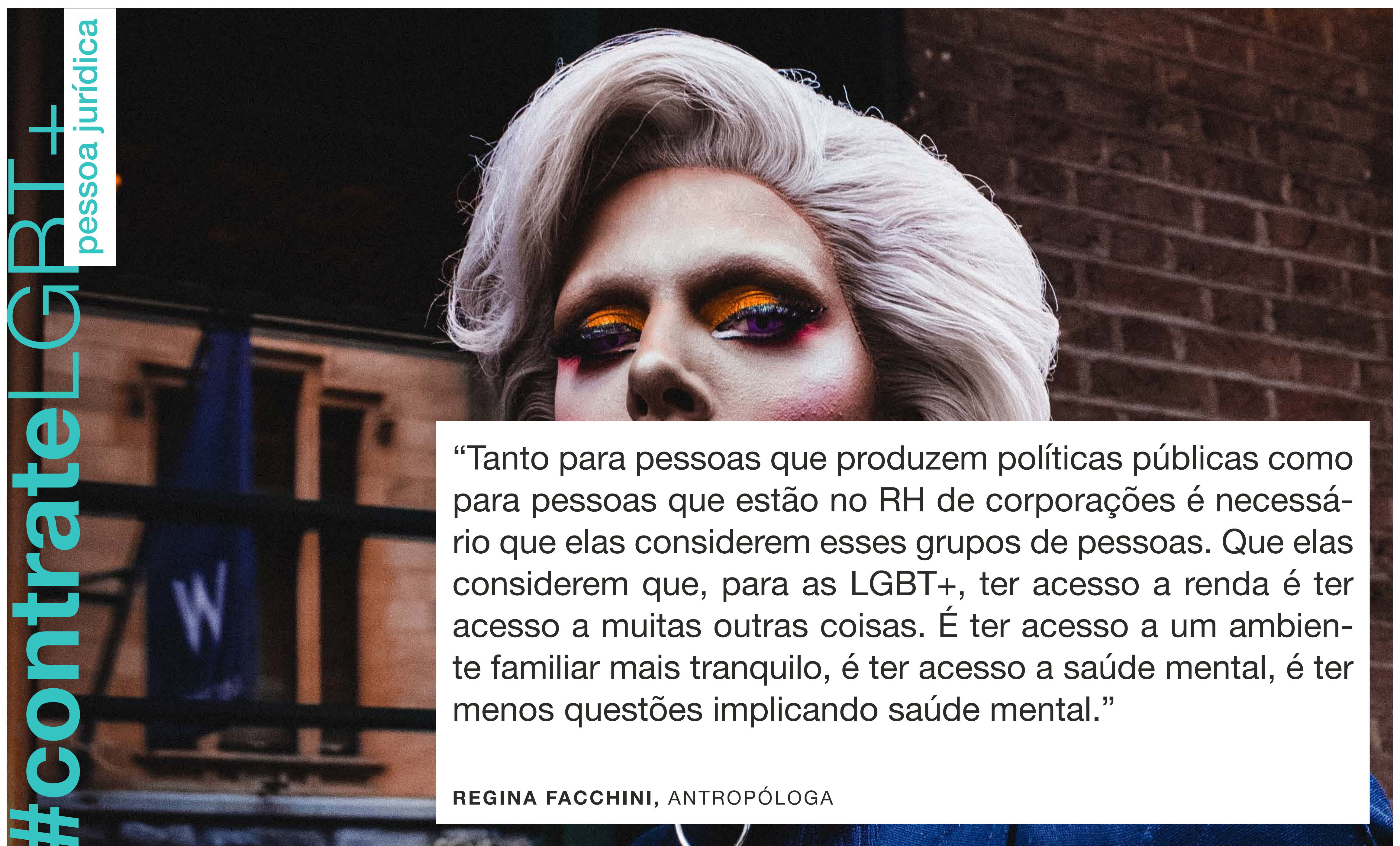
Processos inclusivos mas que também garantam capacitação e segurança psicológica nos ambientes de trabalho. É necessário incluir políticas de educação. Também é importante considerar cenários diferentes que afetam essas pessoas, como o grande preconceito em relação a sua aceitabilidade estética.

2) LINHAS DE PRODUTOS REVERTIDAS PARA CAUSAS LGBTQ+

Quando o assunto é diversidade, tão importante quanto falar é fazer. Por que não mobilizar a cadeia produtiva de sua empresa para reverter lucros para iniciativas que já estão fazendo a diferença em prol da população LGBTQ+?

3) FORNECEDORES LGBTQ+

Selecione fornecedores liderados por e/ou focados na contratação de pessoas LGBTQ+ sempre que possível. Esta política ajuda também na geração indireta de renda para esta população.



“Tanto para pessoas que produzem políticas públicas como para pessoas que estão no RH de corporações é necessário que elas considerem esses grupos de pessoas. Que elas considerem que, para as LGBTQ+, ter acesso a renda é ter acesso a muitas outras coisas. É ter acesso a um ambiente familiar mais tranquilo, é ter acesso a saúde mental, é ter menos questões implicando saúde mental.”

REGINA FACCHINI, ANTROPÓLOGA

É necessária uma mobilização coletiva para mudar cenários tão excludentes. **Como uma empresa pode ajudar?**

4) PATROCINE, DIVULGUE E APOIE INSTITUIÇÕES

Destine parte dos seus lucros em prol de instituições que lutam para mudar o cenário da insegurança alimentar e pobreza menstrual.

5) CONTRATE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

Contrate pessoas e faça processos seletivos que considerem pessoas em situação de vulnerabilidade econômica, prestando atenção ao cenário que ocupam como critério de contratação.

6) CONSUMO CONSCIENTE

Colabore para um consumo alimentar mais consciente e para que o direito à alimentação seja garantido para todos! Cestas básicas, ações permanentes e não restringir a colaboração a apenas ações pontuais. Faça parte da agenda contra a fome, incentivando doações por meio de colaboradores e de incentivos fiscais.




#dignidadeLGBT+
pessoa jurídica

“Tem gente que consegue se virar e tem gente que não consegue. O que tenho observado na população que a gente atende aqui em São Bernardo do Campo é que aumentou o número de mulheres trans e travestis em situação de rua. Isso é algo que para nós tem chegado muito forte. Aumentou o número de mulheres trans e travestis que a gente atende de 2019 para 2020 e de 2020 para 2021.”

SYMMY LARRAT. PRESIDENTA DA ABGLT E DIRETORA DA CASA NEON CUNHA

2.2 Piora da saúde mental e afastamento da rede de apoio



Para quem olha de fora, a vida de Caroline, 23 anos, mulher trans branca, parece um pouco diferente do cotidiano da maior parte das pessoas trans do país, que apresentam algum nível de vulnerabilidade.

Caroline mora em um bairro de classe média alta, tem formação universitária, faz lives temáticas nas redes sociais e usa sua visibilidade para lutar pela causa LGBTQ+. Contudo, ao relatar seu dia a dia na pandemia, encontramos um cenário bem diferente:

“Eu praticamente moro aqui no meu quarto. Eu como no quarto, eu saio no máximo para ir ao banheiro, pegar algo para comer na geladeira e voltar para o quarto. Eu passo praticamente o meu dia todo em silêncio, sabe? Sem abrir a boca, sem nada, quando eu abro a boca é porque eu estou assistindo um vídeo e dei uma risada, é isto.”

Vivendo com o padrasto, que a hostiliza e desrespeita seu pronome, e a mãe que se omite em relação às brigas e atitudes desrespeitosas, Caroline está sempre no limite quando se trata da saúde mental, chegando a se trancar no quarto para preservar sua segurança.

Segundo o acadêmico Ilan Meyer, as pessoas LGBTQ+ estão expostas aos processos sociais que podem ser entendidos como “estresse das minorias”. Isso quer dizer que são pessoas em alerta constante de sofrerem violências diversas (verbal, moral, psicológica e física). A percepção que se está na iminência de sofrer uma agressão ou revivendo a memória de uma violência gera um constante estado de alerta.

“Às vezes vou nos lugares porque o movimento me faz bem, ver pessoas me faz bem. Por mais que às vezes elas me xinguem. Eu tenho amigas da minha idade que não saem durante o dia, por exemplo, porque ainda acham que vão ser agredidas, elas têm esse receio.”

MULHER TRANS **NEGRA** HÉTERO **CLASSE C**

**Os nomes dos entrevistados foram trocados para preservação das identidades.*

O que mudou em 2021?

Com o agravamento da pandemia e continuidade do isolamento social, uma parcela da população LGBTQ+ vive contextos de enormes perdas: perda de renda e decorrentes vulnerabilidades materiais, perda e adoecimento de parentes e amigos, ausência de convívio social, solidão, falta de espaço físico, de perspectivas. Todos esses fatores se traduzem no agravamento da saúde mental da maior parte dos respondentes.

55,19%

declararam que sua saúde mental em 2021 **está pior do que em 2020**

30%

das pessoas já haviam recebido diagnóstico prévio de depressão e

47,59%

já haviam recebido diagnóstico prévio de ansiedade.

Em ambos os casos, **cerca de 2% a mais que na pesquisa de 2020**, que foi de **28%** para depressão e de **45,35%** para ansiedade.

“Eu estava iniciando o tratamento para transtorno depressivo moderado. Eu posso dizer que a pandemia foi uma extensão de um processo que eu já precisava passar.”

HOMEM CIS NEGRO GAY CLASSE C

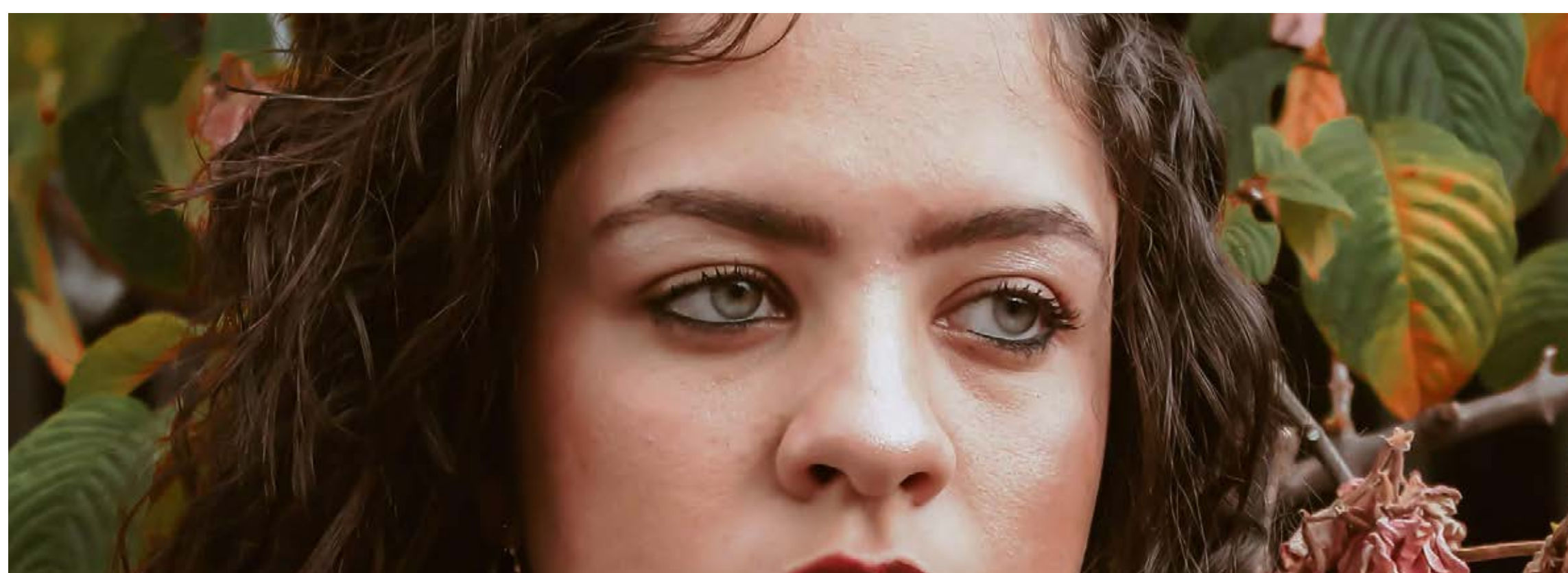
54,92% das pessoas foram classificadas com o risco de depressão no nível mais grave (depressão maior), **quase 8% a mais que na pesquisa de 2020 (47%)**.

Esse percentual sobe para mais de 80% quando levamos em consideração as pessoas com algum nível de depressão

Para ter uma dimensão do quão grave é esse número, na população brasileira a taxa de depressão do tipo grave antes da pandemia foi de 5,6%, segundo os dados da Pesquisa Nacional de Saúde de 2019, enquanto entre Lésbicas, Gays e Bissexuais de MG, o risco padronizado pela composição da PNS foi de 24% (PESQUISA MANAS, 2021).

Em uma pesquisa recente feita pela FIOCRUZ com a população geral, 40% dos entrevistados disseram ter sentido tristeza ou depressão durante a pandemia. Outra pesquisa da UFRGS, aponta que 68% dos entrevistados tinham apresentado algum sintoma de depressão durante a pandemia (GOULARTE et. al., 2021)**

**as pesquisas da FIOCRUZ e da UFRGS não usaram o mesmo instrumento da PNS. A do #VoteLGBT e a Pesquisa Manas usam o mesmo instrumento da PNS.



A escassez de cuidados

Além de viverem todo o contexto estrutural e os agravamentos da pandemia, dois fatores colaboram para a piora da saúde mental entre a população LGBTQ+. Não só as relações mais próximas ficaram distantes com o isolamento, como a ajuda profissional está mais escassa.

AFASTAMENTO DA REDE PRESENCIAL

Observa-se relatos de muitos grupos de apoio presenciais que se dissolveram ou perderam força por conta da necessidade de isolamento social.

Dessa forma, pessoas que já eram vulnerabilizadas ou se sentiam sozinhas carecem ainda mais de acolhimento.

“Durante a pandemia os grupos de apoio que tinha meio que se desfizeram. Muita gente não tem a oportunidade de uma fala diferente, que te compreenda, é o que você tem quando você está com os seus amigos.”

HOMEM CIS **NEGRO** GAY **CLASSE B**

“A gente sempre foi muito do ao vivo, do carão, do ato de falar, juntar e ir lá, sabe? É isso que mantém a gente vivo, o encontro com os nossos. Então eu sinto muita falta disso, das festas à noite, da gente poder transitar na rua.”

HOMEM CIS **NEGRO** BI **CLASSE B**

FALTA DE PREPARO DE PROFISSIONAIS

Vale ressaltar também a importância de profissionais preparados para atender as particularidades das pessoas LGBTQ+. Além disso, os atendimentos gratuitos estão mais escassos e os pagos são caros para a maior parte da população.

“Um amigo estava procurando atendimento psicológico e um dos psicólogos que ele encontrou era pastor, ele estava indicando e até receitando hormônios.”

HOMEM CIS **NEGRO** BI **CLASSE B**

“Acabo me sentindo mais exposta. As redes de apoio à saúde mental praticamente não existem porque nós temos um número muito populoso de LGBTQIA+, principalmente em São Paulo. Tentar ajudar essa grande massa é realmente difícil.”

MULHER TRANS **BRANCA** LÉSBICA **CLASSE B**

A IMPORTÂNCIA DA INTERNET

Com a continuidade do isolamento social, muitas pessoas LGBTQ+ encontraram na internet uma forma de compensar as ausências do mundo físico e até mesmo encontrar pessoas para se relacionar afetivamente.

“Fiquei bastante tempo fazendo home office e com isso eu acabei conhecendo várias pessoas (online), fazendo amizades que eu amo muito e isso me ajudou também a trocar uma ideia, como se fosse uma terapia. (...) foi onde eu encontrei a minha namorada, minha noiva.”

MULHER CIS **BRANCA** LÉSBICA **CLASSE C**

“

É preciso formar profissionais que saibam lidar com as questões LGBTQ+

“Quem trabalha na área da educação, da saúde e da saúde mental vai ter que lidar com uma situação de luto na sociedade como um todo, mas que na população LGBTQ+ vem agravado por condições de incerteza na vida social, de deterioração das relações familiares, entre outros problemas.”

REGINA FACCHINI, ANTROPÓLOGA

”

O adoecimento psicológico coloca as pessoas em situação de risco ao dificultar a organização básica da vida. **Como uma pessoa pode ajudar?**

1) DÊ AMPARO EMOCIONAL

Ofereça escuta e disponibilize tempo para amigos e familiares LGBTQ+. Essas são formas de acolher e atenuar a violência que essas pessoas vêm sofrendo na pandemia e antes dela.

2) ENCAMINHE A UM ESPECIALISTA

Tratamento psicológico e psiquiátrico ainda é visto como tabu na sociedade. Ajudar as pessoas a romperem com este estigma por meio da conscientização é o primeiro passo.

3) NORMALIZE COMPORTAMENTOS EMOCIONAIS NÃO CONVENCIONAIS

Em uma situação de pandemia, onde as pessoas estão adoecidas por diversos motivos, falar sobre questões que envolvem saúde mental é fundamental para fomentar uma rede de apoio e um espaço seguro de diálogo.

4) COMBATA A PSICOFOBIA

A saúde mental deve ser tratada com respeito. Pessoas neuroatípicas são aquelas que possuem uma configuração neurológica atípica – ou seja, diferente do que é considerado padrão pela sociedade, e só elas sabem o que sentem.

Cuidado com comportamentos preconceituosos com pessoas com transtornos mentais e emocionais. Esse tipo de preconceito é chamado de psicofobia. Procure não relativizar ou zombar, deixe sua escuta sempre aberta e acessível. Depressão, ansiedade e crises de pânico se intensificaram com a pandemia.

Algumas iniciativas para fortalecer

Acolhe LGBTQ+ | O Acolhe LGBTQ+ é uma plataforma que conecta pessoas LGBTQ+ que precisam de acolhimento psicológico com profissionais voluntários. A plataforma ainda fornece conteúdo de formação continuada em atendimento especializado para profissionais de psicologia.

Clínica Social Casa 1 | A Clínica Social Casa 1 oferta processos psicoterápicos continuados e plantões de escuta, além de fornecer atendimentos psiquiátricos, nutricionais e terapias complementares. Todos os serviços são ofertados gratuitamente ou com valores sociais, reforçando a atuação e a preocupação da Casa 1 com acessos a atendimentos de saúde acessíveis e humanizados.

Coletivo Feminista | ONG com mais de 30 anos de atuação, que oferece serviços de atendimento de saúde sob uma perspectiva feminista. No que concerne a saúde mental, eles oferecem atendimento por meio da rede de psicanálise: Inconsciente Real, o atendimento é pago, mas oferece preços flexíveis conforme a condição de cada pessoa.



É necessária uma mobilização coletiva para mudar cenários tão excludentes. **Como uma empresa pode ajudar?**

1) SEGURANÇA PSICOLÓGICA

Implementar uma política de segurança psicológica é um caminho para conseguir oferecer um ambiente profissional mais saudável aos colaboradores. Não existe saúde mental que resista a um ambiente de trabalho inadequado.

2) ENCAMINHE A UM ESPECIALISTA

Questões de saúde mental podem acometer qualquer um dos colaboradores, mas como se trata de uma população que está especificamente vulnerável pela pandemia, vale o olhar ativo da empresa para as necessidades desse público.

3) COMBATE À LGBTFOBIA

A carga mental de se preocupar constantemente em performar, para que não sejam excluídas por seus colegas ou para que estes não sejam preconceituosos, cria um peso a mais para pessoas LGBTQ+ no ambiente de trabalho. Promova uma cultura diversa e inclusiva.

4) FOMENTO A ESPAÇOS SEGUROS

Espaços e grupos específicos que promovam acolhimento de demandas da comunidade LGBTQ+ e senso de pertencimento, fortalecem a autoconfiança e aumentam a produtividade.



2.3 Insatisfação acentuada com o governo



Tânia é uma mulher trans, negra, de 42 anos, que sofre de diabetes.

Além da diabetes, ela sofre com osteoporose e necessita de acompanhamento hormonal periódico por causa da transição. Desde o início da pandemia, tem vivenciado maior dificuldade em seguir com seus tratamentos.

“Mês passado, por exemplo, eu tive que comprar insulina de novo porque no posto você não consegue. Eu faço acompanhamento hormonal e você não consegue fazer pela rede particular. (...) não só medicamentos, como para agendamentos de consultas você não consegue mais.”

Tânia “tem o privilégio” de morar com os pais adotivos que a acolhem e auxiliam em todas suas necessidades emocionais e materiais. Mas ela sabe que não é a realidade de todas as pessoas LGBTQ+.

**Os nomes dos entrevistados foram trocados para preservação das identidades.*

Foto: Ronaldo Silva/Futura Press
/Estadão Conteúdo

Situações como a de Tânia fazem com que a reprovação do governo federal siga absoluta, no mesmo patamar do ano passado. O prolongamento da pandemia, no entanto, se desdobrou também na piora da avaliação dos governos estaduais. A ineficiência do programa de vacinação, a maior exposição ao risco, bem como a sensação de que a COVID-19 está mais próxima do cotidiano das pessoas e de seus relacionamentos íntimos, fez com que as pessoas sentissem falta da ação do Estado.

O que mudou em 2021?

Com esse cenário de caos e falta de estrutura estatal para acolher as demandas da população em geral e da comunidade LGBTQ+, não é surpresa que a reprovação do governo federal continue quase unânime.

98,7%

a reprovação ao presidente **se manteve na mesma proporção da pesquisa de 2020**

95%

são favoráveis ao impeachment do **Presidente Jair Bolsonaro**

“Ano passado não teve ninguém com covid próximo a mim, agora já teve bastante gente. Parece que o cerco está se apertando.”

MULHER CIS BI BRANCA CLASSE B

Em relação ao desempenho dos governos estaduais:

52%

das pessoas classificaram como “bom”, “ótimo” e “regular”

quase

23%

a menos que na pesquisa de 2020 (74,78%)

Ineficiência do programa de vacinação

Quase todas as pessoas (98,55%) conheciam alguém que teve diagnóstico positivo para Covid-19. Na pesquisa realizada em 2020, essa parcela foi de 62,44%.

Cerco está se fechando

99% das pessoas que ainda não foram vacinadas pretendem se vacinar quando a vacina ficar disponível para o seu grupo etário.

Insatisfação com Auxílio Emergencial

12% tentaram o auxílio emergencial, mas não conseguiram. Entre as pessoas trans, esse percentual é de 17%. Entre os que receberam, 9 em cada 10 declaram que o auxílio emergencial ajudou bastante ou que sem o benefício não teria como pagar as contas e comprar comida.

Exposição ao risco

De 2020 para 2021, houve uma diminuição na porcentagem de pessoas que saem só quando inevitável (de 68,42% para 50,51%), e um aumento na porcentagem das que estão tomando cuidado, mas continuam saindo para trabalhar e realizar outras atividades (18,77% para 43,02%);

A política é o campo de disputa muito necessário para a população LGBTQ+.

é neste campo onde atores conseguem articular direitos e barrar retrocessos

Como uma pessoa pode ajudar?

1) REPRESENTATIVIDADE É PODER

Ter representatividade no campo político contribui para que o futuro do país seja pensado incluindo também as pessoas da comunidade LGBTQ+. Isso contribui para que seja construída uma sociedade cada vez mais igualitária. Vote e fortaleça candidaturas de pessoas LGBTQ+, negras e mulheres que defendem pautas de direitos humanos.

2) FORTALEÇA COLETIVOS

Acompanhe coletivos e organizações que ajudam a articular iniciativas de pressão popular. Apesar dos avanços, projetos que promovem retrocessos de direitos para a comunidade LGBTQ+ são diariamente criados e precisam ser combatidos.

3) PRESSIONE SEUS REPRESENTANTES

É necessário que haja cobrança para se conseguir apoio em frentes institucionais. Que tal perguntar para os representantes da sua cidade ou do seu estado o que eles têm feito pela população LGBTQ+ na pandemia?



Mudanças efetivas ocorrem quando se transformam em leis e garantimos direitos para mudar o cenário da desigualdade.

Veja alguns projetos de lei prioritários para a causa LGBTQ+:

Projetos de Lei

PL 5593/2020

Altera a Consolidação das Leis do Trabalho para reservar pelo menos 50% das vagas destinadas à contratação de aprendiz para a contratação de pessoas negras, mulheres e LGBTQIA+.

PL 144/21

Dispõe sobre a reserva de vagas de emprego ou estágio, oportunidades para travestis, mulheres e homens transexuais em empresas privadas, além de dar outras providências.

PL 960/2020

Estabelece a suspensão temporária dos cortes de fornecimento por falta de pagamento das tarifas dos serviços públicos de água, esgoto, energia elétrica e internet; a suspensão do cancelamento dos planos de saúde e a suspensão do pagamento de contratos bancários que especifica, nos próximos três meses, ou pelo período de duração da Pandemia por Covid 19, na forma aqui estabelecida.

Conclusão

Ainda estamos no mesmo barco?
A interseccionalidade nos ajuda a entender quem tem remo e colete salva-vidas



“

No começo estava todo mundo falando ‘estamos todos no mesmo barco’, não estamos no mesmo barco. Definitivamente, quem é bilionário está vivendo uma vida completamente idêntica à que tinha antes.

HOMEM CIS **NEGRO** GAY **CLASSE C**

”

“

Nós temos realidades diferentes e é como vocês mesmo disseram, a pandemia acaba afetando as pessoas de uma forma muito diferente né?

MULHER CIS **BRANCA** LÉSBICA **CLASSE B**

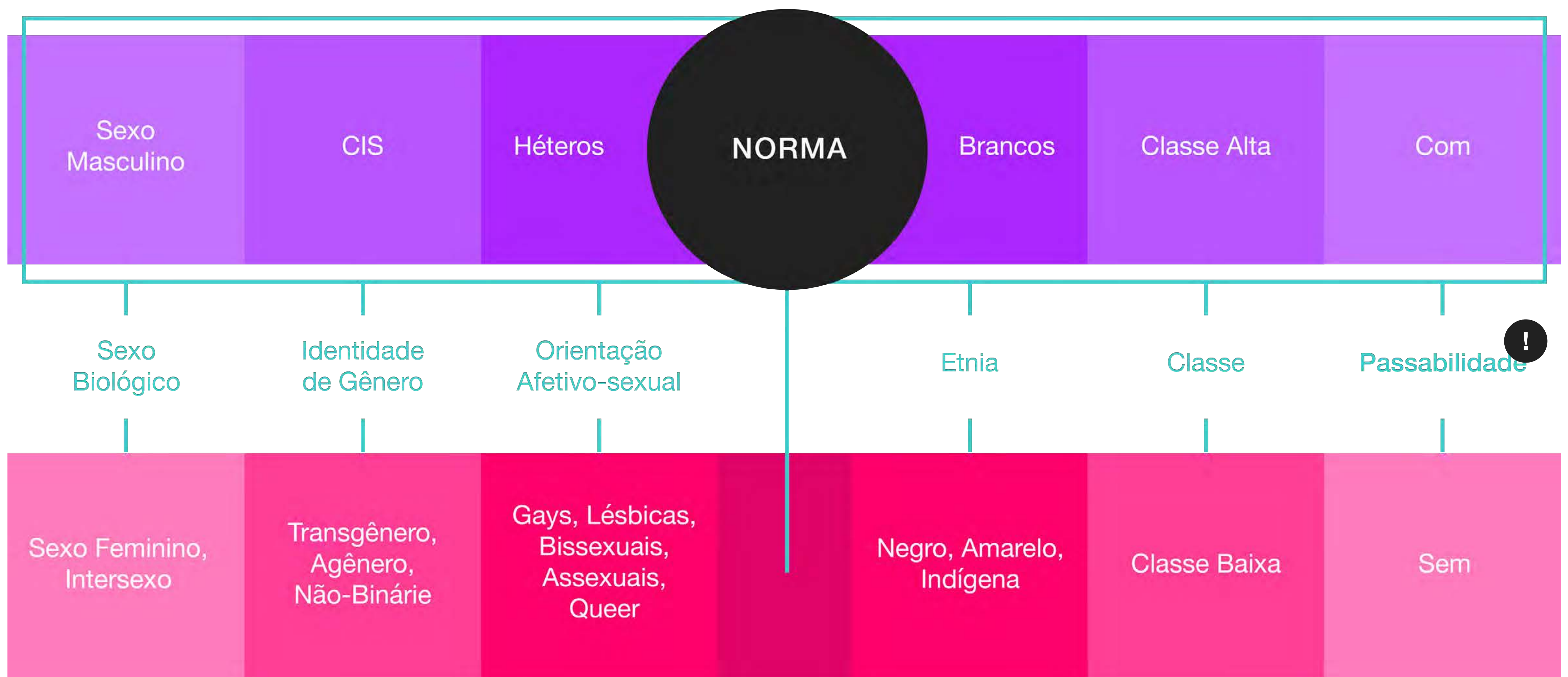
”

Como vimos ao longo do estudo, não é possível olhar para a situação das pessoas LGBTQ+ na pandemia de forma genérica, como se todos esses indivíduos estivessem sujeitos às mesmas vulnerabilidades. Os corpos carregam marcadores que levam a experiências, vivências, oportunidades e desvantagens muito diversas entre si.

Para entender porque os sofrimentos desses corpos se dão de formas distintas, é preciso debruçar-se sobre a questão a partir da lente da interseccionalidade, ou seja, considerar que raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outros fatores – são inter-relacionados e se moldam mutuamente.

“**A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas.**”

PATRICIA HILL COLLINS EM “INTERSECCIONALIDADE”



De forma visual, o gráfico acima apresenta um pouco dessas nuances por meio do Grid da diversidade, criado em estudo realizado pela Box1824 para o Google em 2019 focado no público LGBTQ+.

Quanto mais afastado da norma o corpo de um indivíduo está, mais vulnerabilidades ele tende a acumular.

Passabilidade:

“É a possibilidade de uma pessoa ser considerada membro de um grupo ou categoria identitária diferente da sua, que pode incluir identidade racial, etnia, orientação sexual, gênero, etc. Ter passabilidade pode resultar em um aumento na aceitação social e servir como uma forma de autopreservação ou autoproteção nos casos em que expressar sua identidade pode ser perigoso.”

Fonte: ThinkWithGoogle - “Por que sua marca deveria saber o que a comunidade LGBTQIA+ espera dela”, Outubro de 2019.

Índice VLC

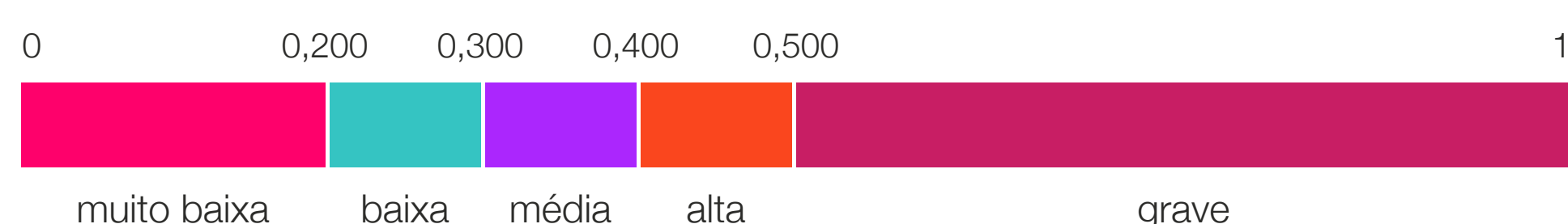
Vulnerabilidade LGBTQ+ à Covid-19

Aplicando essa lógica para entender essas diferenças em contexto de pandemia, o estudo criou na edição de 2020 o Índice de Vulnerabilidade LGBTQ+ à COVID-19.

O VLC é um índice que varia entre 0 e 1. Quanto mais próximo a 1, maior a vulnerabilidade ao COVID do grupo analisado. O índice segue a mesma metodologia utilizada no cálculo do Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) do IPEA.

Os resultados encontrados no índice apontam que a população LGBTQ+ se encontra em um nível de vulnerabilidade grave e em média 16% mais elevado do que o ano passado, segundo as dimensões de renda e trabalho, exposição ao risco de covid e saúde.

Faixas do VLC



Grupos	Índice de Vulnerabilidade	Renda e Trabalho	Exposição ao risco	Saúde
LGBT+	0,566	0,344	0,966	0,386
Cis	0,560	0,325	0,970	0,384
Mulher cis	0,582	0,400	0,965	0,382
Homem cis	0,560	0,321	0,974	0,385
Trans	0,612	0,491	0,937	0,408
Branco/Asiáticos	0,542	0,313	0,967	0,346
Preto/pardo/indígenas	0,607	0,399	0,965	0,456
Lésbica	0,560	0,331	0,966	0,382
Gay	0,538	0,253	0,973	0,388
Bissexual	0,595	0,432	0,966	0,387
Homem Bi/Pan	0,589	0,403	0,963	0,402
Mulher Bi/Pan	0,601	0,455	0,965	0,383
Não-binária Bi/Pan	0,615	0,542	0,944	0,359
Capital	0,540	0,293	0,968	0,360
Interior	0,598	0,410	0,964	0,420

O aumento da exposição ao risco se deve ao **aumento no número de casos e a maior quantidade de pessoas saindo do isolamento social.**

*Nos testes feitos entre as composições populacionais, não encontramos diferenças significativas nos resultados entre as pessoas trans masculinas, femininas e não-binárias que justificassem a separação na análise do VLC. Já entre as pessoas cis, essas diferenças foram significativas e por isso apresentamos a análise também separada entre homens e mulheres.

Índice VLC

Vulnerabilidade LGBT+ à Covid-19

Uma outra forma de olhar para o índice é agregando os valores por Identidade de gênero, raça e orientação sexual. Isso nos permite visualizar a questão a partir dos marcadores. Obviamente isso deve ser feito sem desconsiderar a questão da interseccionalidade.

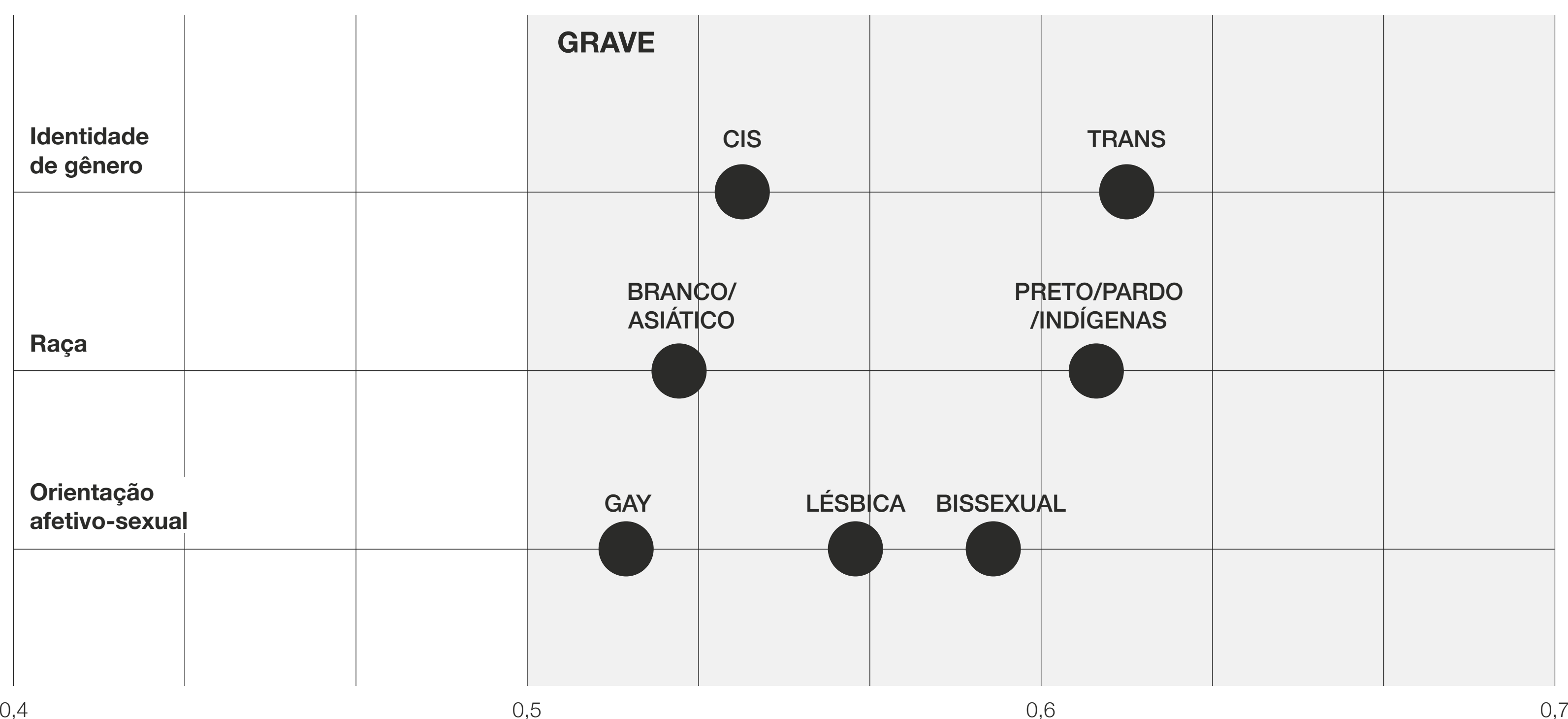
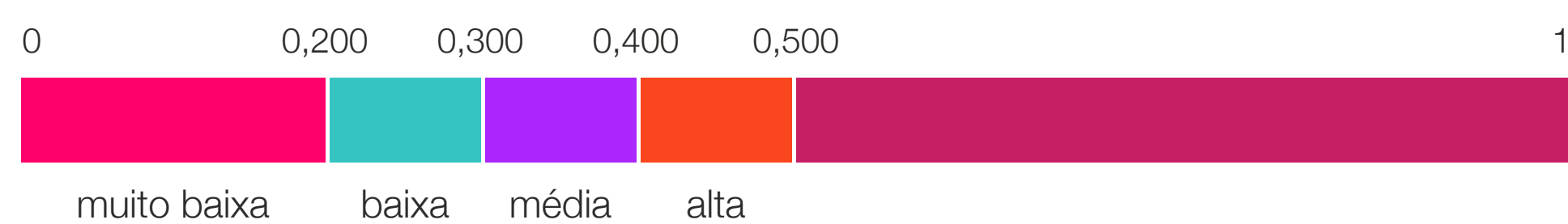
“Falam (no grupo) sobre dinheiro na questão de “acabou a luz, cortaram porque eu não paguei a conta, eu não tenho comida na minha geladeira.” Então está muito forte isso, como é um grupo voltado para pessoas trans, sabe?”

MULHER TRANS BRANCA HÉTERO CLASSE B

Impacto da Covid-19 para a população LGBT+

População trans é a mais vulnerável aos impactos da pandemia, seguida de pessoas LGBT+s pretas, pardas e indígenas

Faixas do VLC



Este índice pode ser acionado na tomada de decisão e priorização de políticas públicas para populações LGBT+, como ferramenta didática para visualizar de forma clara e simples as diferentes vivências dentro da comunidade, entre outros usos.

Obviamente, por tratar-se de uma simplificação da realidade, não substitui de forma alguma o olhar atento para as vivências individuais de cada um dos sujeitos. Mas já é um grande avanço, se estamos falando que as medidas para romper com os problemas vivenciados pelas pessoas LGBT+ durante a pandemia, passam por mudanças que envolvem os governos e a conscientização da sociedade civil.

Indicador de Insegurança Alimentar

Para além do VLC, o estudo de 2021 trouxe uma outra forma de abordar os problemas materiais que a população LGBT+ vem enfrentando ao longo da pandemia.

O Indicador de Insegurança Alimentar foi construído com base na versão reduzida da EBIA – Escala Brasileira de Insegurança Alimentar e consiste na resposta de algumas perguntas que podem detectar se o lar em questão sofre com este problema, como se “nos últimos 3 meses a comida acabou antes da pessoa ter dinheiro para comprar mais”.

“

“Quando você pega um dado que tem 116 milhões de pessoas que não sabe se vão jantar ou se vão almoçar isso acaba extrapolando para além da comunidade, isso impacta todo mundo, né?”

HOMEM CIS BRANCO GAY CLASSE B

”

Fazendo um recorte etário fica claro que as pessoas LGBT+ mais vulneráveis à insegurança alimentar são as mais novas, entre 14 e 24 anos (63,42%), seguidas dos respondentes entre 25 e 34 anos (42,41%)

Geral		Insegurança Alimentar	
		n	%
		3.016	41,53
Grupo etário	15 a 24	1.384	49,29
	25 a 34	1.001	38,50
	35 a 44	395	35,88
	45 a 54	150	32,97
	55+	86	26,22
Identidade de gênero	Cis	2.537	39,34
	Trans	479	56,82
Raça/Cor	Branca/Amarela	1.599	34,67
	Preta/Parda/Indígena	1.417	52,87
Região	Norte	321	61,99
	Nordeste	1.237	50,93
	Sudeste	4.315	37,94
	Sul	930	38,17
	Centro-Oeste	489	39,88

Voltando a metáfora que usamos no nosso estudo de 2020 e como ela ainda faz todo sentido (criador desconhecido):

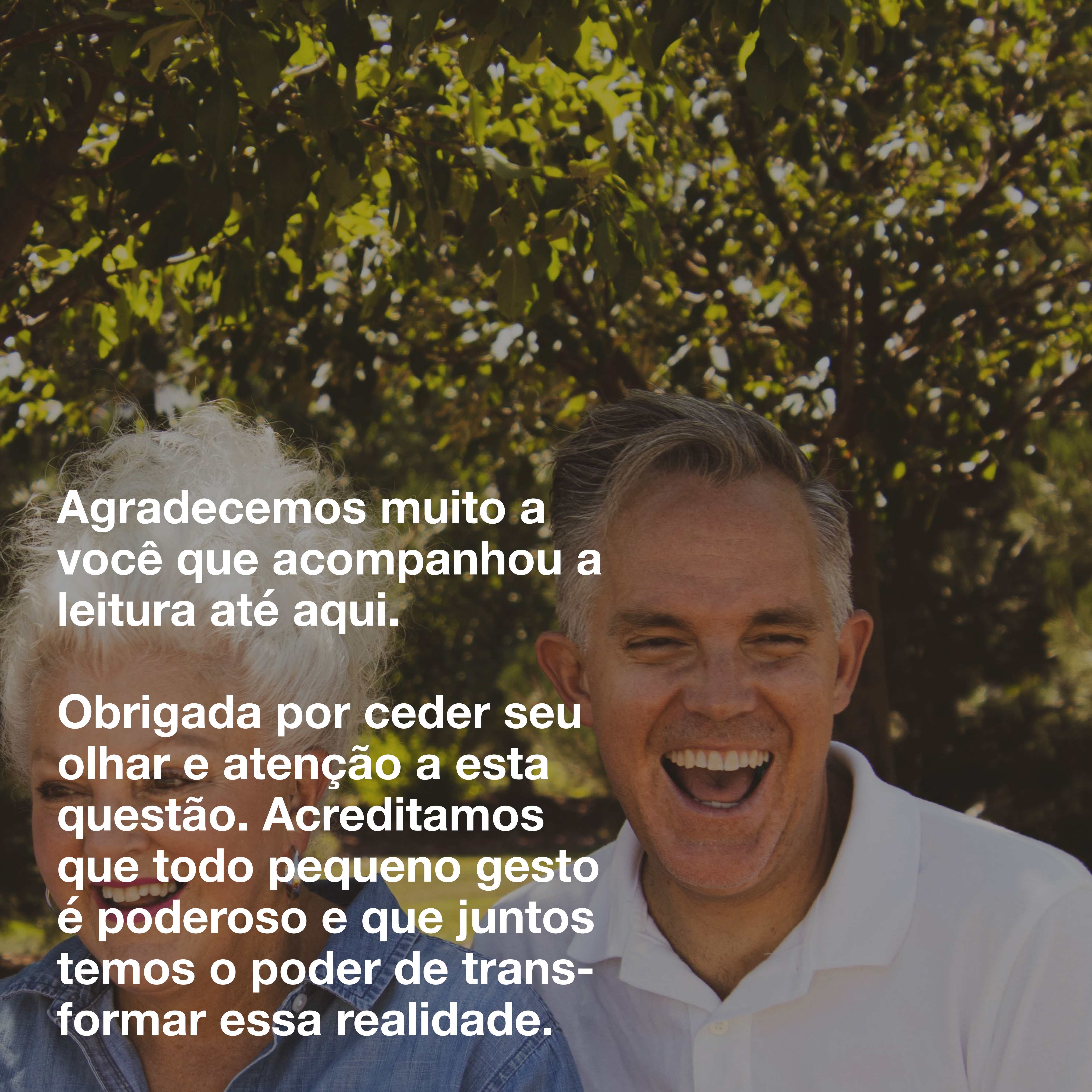
A pandemia é como uma tempestade em alto mar, chegou e atinge a todos nós. Mas, embora todos estejamos sujeitos a ela, estamos em barcos muito diferentes. Enquanto uns encontravam-se em navios, com total estrutura para aguentar o vendaval, outros estavam em barcos menores, mas que ainda assim oferecem segurança. O maior impacto, no entanto, ocorre entre aqueles que estavam em jangadas que não proporcionam nenhuma estabilidade ou condição de sobrevivência. Estes são os que mais precisam da nossa ajuda imediata para conseguir passar por esse momento.

Esperamos que este relatório sirva para a reflexão e transformação. Se quiser continuar a conversa, escreva pra gente vote@votelgbt.org

Se acredita que outras pessoas possam se interessar por esse trabalho, compartilhe! Muito Obrigada.

:)



A photograph of an elderly couple smiling outdoors. The woman on the left has short, curly white hair and is wearing a blue denim shirt. The man on the right has short, graying hair and is wearing a light blue button-down shirt. They are both smiling broadly. The background is a dense, out-of-focus green tree. The text is overlaid on the left side of the image.

**Agradecemos muito a
você que acompanhou a
leitura até aqui.**

**Obrigada por ceder seu
olhar e atenção a esta
questão. Acreditamos
que todo pequeno gesto
é poderoso e que juntos
temos o poder de trans-
formar essa realidade.**

Foram consultadas para este projeto as seguintes especialistas:

Regina Facchini

Antropóloga e pesquisadora do PAGU - UNICAMP

Bru Pereira

Antropóloga e criadora do Poupatrans

Symmy Larrat

Presidenta da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) e diretora de projetos da Casa Neon Cunha, De São Bernardo do

Lucas Bulgarelli

Antropólogo, advogado e doutorando no PPGAS-USP com a pesquisa: “Disputas em torno do ensino de gênero e sexualidade em escolas brasileiras”.

*para mais informações sobre dados e métodos da pesquisa: **Apêndice Metodológico.**

Equipe #VoteLGBT

Bru Pereira
Evorah Cardoso
Felipe Oliva
Fernanda Lena
Gui Mohallem
Igor Pinheiro
Julio Nascimento
Patrícia Borges
Rafa Ella Brites
Samuel Silva

Análise estatística e organização dos dados

Fernanda Fortes e Lena
Samuel Araujo Gomes da Silva
Raíssa Marques Sampaio Sidrim

Equipe Casa 1

Assessoria de Imprensa

Brenda Amaral

Direção de Arte

Bruno Oliveira

Comunicação

Iran Giusti

Equipe AllOut

Ana Andrade
Leandro Ramos

Equipe Box1824

Comunicação

Daniel Gasparetti
Eloá Fernandes
Rebeca Almeida
Cláudia Isoppo

Planejamento

Eloá Fernandes
Gabriel Tavares
Gabriela Barbosa
Laura Kroeff
Patricia Chmielewski

Design

Natália Ferreira
Leoriane Setti

Pesquisa:

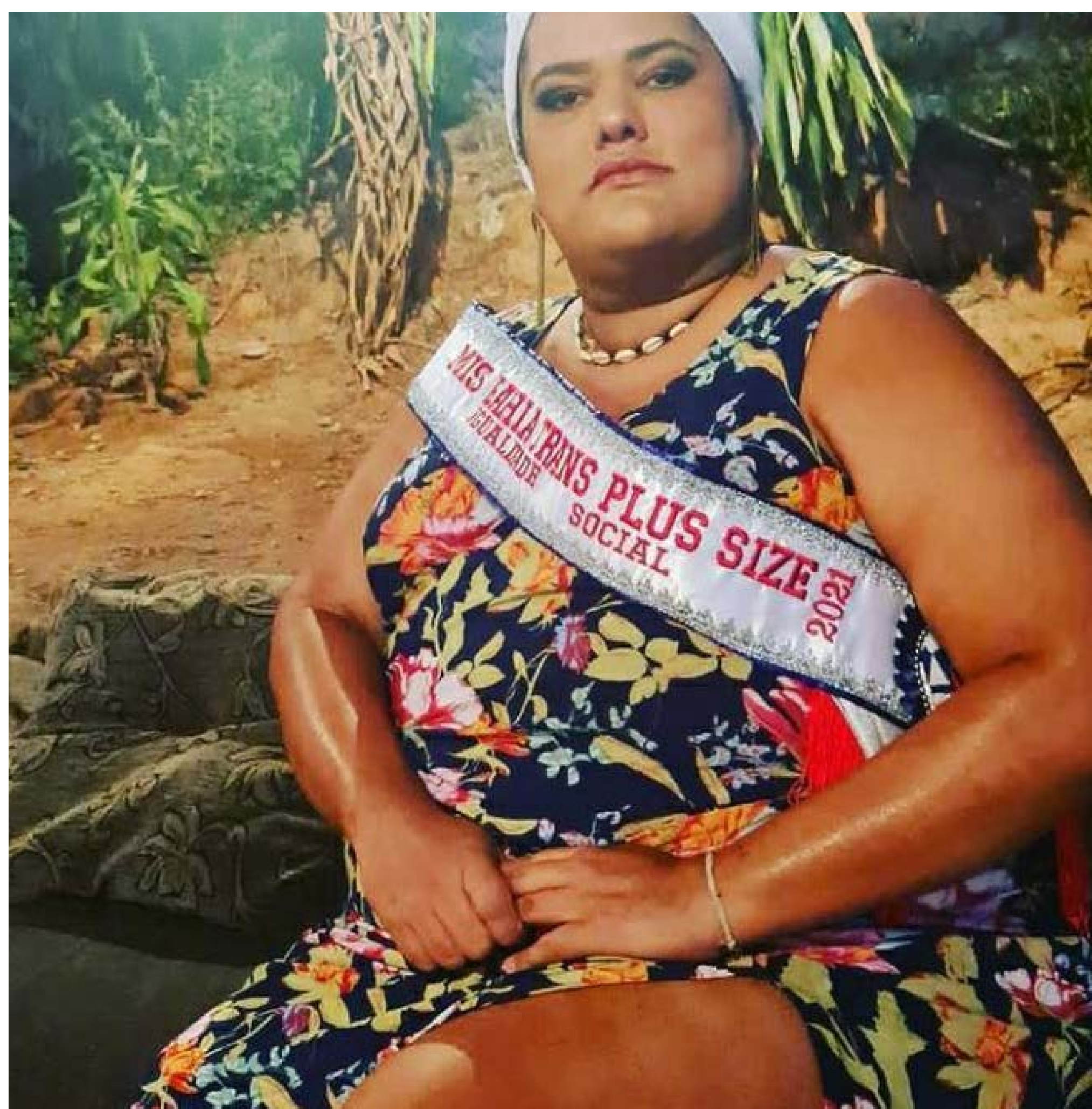


Produção:



Apoio:





In memoriam

Dedicamos esta pesquisa a Rhany Mercês, ativista gorda, afro-transfeminista, que lutava de forma incansável pelas mulheres, LGBTIQI+, população negra, indígenas, classes trabalhadoras, bem como as trabalhadoras do sexo. Rhany fez a sua travessia no dia 13 de maio de 2021 em decorrência de complicações do COVID-19. Assim como quase meio milhão de brasileiras que morreram por conta de uma doença para a qual já existe vacina, nossa companheira foi vítima de um governo neoliberal, racista, patriarcal e transfóbico que sempre disse que mataria o povo LGBTIQI+ e assim tem feito. Rhany vai estar sempre viva na nossa memória, nas nossas lembranças, nas nossas falas e nos nossos atos. Por ela vamos ficar firmes e lutar mais. Por ela vamos caminhar juntas. Por ela vamos continuar acreditando que todas vamos vencer o ódio com a garra que era a marca da nossa Rhany Mercês (1985 -2021)

Rede Afro LGBT Minas | Foto de Rhany Mercês